

# Ajustes reforçam previsão de 2015 difícil

Chegada de Levy e Barbosa, ambos com discurso de acerto das contas públicas, indica alta de juros e de impostos e corte de subsídios

**Alexa Salomão**  
**Josette Goulart**

Em suas projeções, economistas de diferentes matizes podiam discordar das medidas que deveriam ser adotadas em relação à economia no próximo ano, mas sempre houve uma unanimidade entre eles: 2015 seria um ano difícil. Ontem, a fala conjunta dos futuros ministros da Fazenda, Joaquim Levy, e do Planejamento, Nelson Barbosa, ao lado do reconduzido presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, reafirmou a projeção. O ano será de duros ajustes que vão afetar a vida de todos os brasileiros. Pode parecer um contrassenso, mas a mensagem foi bem recebida pelos economistas.

Isso ocorreu porque, diferentemente da atual equipe econômica, a nova mostrou que reconhece o cenário ruim e sinalizou que vai trabalhar para corrigir a rota. “A nova equipe econômica é uma clara mudança de rumo”, diz o economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ex-ministro do governo Fernando Henrique Cardoso. “É uma mudança correta, porque os resultados do primeiro mandato se mostraram ruins. Então, agora não tem mais sentido qualquer análise catastrófica para a economia no ano que vem.”

Segundo ele, um dos efeitos imediatos é que o mercado de trabalho, que começava a dar sinais de arrefecimento, não vai piorar tanto como o esperado.

O economista Eduardo Giannetti, que trabalhou na campanha da candidata à presidente Marina Silva (PSB), ainda tem dúvidas sobre se haverá espaço político para a nova equipe trabalhar, mas concorda com a visão. “Caso o novo ministro possa colocar em prática suas ideias, é possível que o cenário de turbulências comece a mudar.”

**Ano duro.** Uma boa pista sobre qual será o impacto de um eventual ajuste no dia a dia das pessoas está no valor anunciado do superávit primário (a economia do governo para pagar os juros da dívida). Levy falou em 1,2% de primário. Ele é conhecido por ser um ortodoxo, então, a expectativa é que faça um primário sem truques, que dependa de uma arrecadação mais robusta e de um legítimo corte de gastos. “Nesse cenário, não tem mágica: teremos aumento de impostos e cortes de subsídios”, diz Alessandra Ribeiro, economista da Tendências Consultoria Integrada.

Já se prevê aumento da Cide, que hoje está zerada, o que vai elevar o preço da gasolina. Também existe a expectativa de que as passagens de metrô e de ônibus, hoje represadas, sejam reajustadas. O mesmo vai ocorrer com a energia. Pelas expectativas da Tendência, o reajuste médio da conta de luz será de 18%.

O aumento das tarifas vai pressionar a inflação, que já encostou no teto da meta (de 6,5%). Assim, para fazer a inflação ceder, será preciso segurar

o consumo. A Selic, a taxa básica de juros, com certeza vai ser elevada, encarecendo o crédito. As prestações, do calçado mais básico ao carro mais luxuoso, vão ficar maiores.

Há porém uma expectativa positiva em relação ao outro lado da equação do ajuste: o lado do gasto público. “Se Joaquim Levy cortar gastos ou ao menos segurá-los para que parem de

● **Acerto**  
“É uma mudança (de rumo) correta, porque os resultados do primeiro mandato se mostraram ruins. Agora não tem mais sentido qualquer análise catastrófica para a economia no ano que vem”

**Luiz Carlos Mendonça de Barros**  
ECONOMISTA

subir acima da receita, teremos dois efeitos benéficos”, diz Marina Santos, economista-chefe da gestora Mauá Sekular.

O primeiro é aliviar a alta dos juros. A Selic ainda seria elevada, mas em pontos percentuais menores. Assim, o tranco sobre o crédito tenderia a ser menor. Isso é possível porque, para cada ponto percentual a mais que o governo poupa, representa

um ponto percentual a menos para se elevar na Selic.

O outro fator positivo é que um governo mais austero será capaz de resgatar a confiança de consumidores e, principalmente, de empresários e investidores. “O cenário para 2015 vinha se deteriorando há meses e tudo indicava que o País caminhava para a recessão, aumento do desemprego, queda da renda,

com inflação e perda do grau investimentos: poderíamos retroceder uns 10 anos”, diz Marina. “Ainda não temos os detalhes sobre o ajuste, mas o discurso for posto em prática, pode recuperar a confiança.” Em outras palavras: o ajuste vai doer em 2015, mas pode deixar a economia mais saudável a partir de 2016. / COLABOROU CARMEM POMPEU, ESPECIAL PARA O ESTADO

## REAÇÕES



**Luiz C. Trabuco**  
Presidente do Bradesco

“Os nomes representam pilares de credibilidade, cada qual em sua área. Mas eles se complementam e dão unidade de ação a um governo que almeja o controle da inflação, a austeridade fiscal e a elaboração de um conjunto de reformas estruturais modernizadoras.”



**Eduardo Giannetti**  
Economista

“Acredito no trabalho econômico dele, mas temo que ele não consiga lidar com as questões políticas que envolvem o cargo. Os políticos lidam melhor com a complexidade da economia do que os economistas com a complexidade da política.”



**Denise Pavarina**  
Presidente da Anbima

“Os representantes do mercado de capitais, reunidos na Anbima, saúdam a nova equipe econômica e colocam a associação à sua disposição para contribuir na construção de uma agenda ambiciosa para o desenvolvimento do mercado de capitais brasileiro.”



**Murilo Portugal**  
Presidente da Febraban

“Estamos mais otimistas com o próximo ano, esperando que essas indicações contribuam para a retomada da confiança, o que, como os mercados indicam, já começou a ocorrer.”



**Vladimir Caramaschi**  
Economista-chefe do Credit Agricole

“O triunvirato foi o melhor arranjo... Mas o potencial de conflito entre Levy e Dilma ou entre Levy e Nelson Barbosa existe e todo mundo sabe disso.”



**Gustavo Franco**  
Ex-presidente do Banco Central

“O momento de fechar o cofre é o momento em que a presidente decide se afastar da área econômica e colocar alguém mão fechada. É um movimento inteligente.”



**Marcos Troyjo**  
Diplomata e professor

“A indicação de Levy sugere que as decisões econômicas voltarão para a pasta, saindo do âmbito do Planalto”



**Aline Arantes**  
EX-PARTICIPANTE DO COLETIVO COCA-COLA

## SABE O QUE A COCA-COLA BRASIL PRODUZIU EM SÉRIE NOS ÚLTIMOS ANOS? GERAÇÃO DE RENDA E AUTOESTIMA PARA MILHARES DE PESSOAS.

Por meio de assistência técnica, capacitação e acesso ao mercado, a plataforma Coletivo da Coca-Cola Brasil transformou a vida de 100 mil pessoas, principalmente jovens e mulheres. Hoje, conta com 550 unidades em 22 estados do país. A Coca-Cola Brasil é parceira das comunidades na construção de um futuro melhor.

**instituto**  
Coca-Cola Brasil

**Coca-Cola** Brasil  
www.cocacolabrasil.com.br